

Óperas (Mal) Amadas do Século XX



Desenho de Rudolf Heinrich para os figurinos de *Daphne*, de Richard Strauss

Por vários motivos, os teatros de ópera de todo o mundo apresentam, com regularidade, as obras que pertencem ao que foi estabelecido como o cânone que o público exige, ficando-lhes muito pouco espaço para oferecer criações que saiam desse número relativamente reduzido de obras. Inúmeras são as óperas que nunca tiveram oportunidade de se encontrarem com o público ou tiveram uma oportunidade fugaz. Isto é assim, relativamente às óperas de todos os tempos, incluindo, evidentemente as do século XX que por isso permanecem “injustamente esquecidas”.

Não se podendo trazer essas obras para o palco, que é o seu lugar, esta iniciativa

dos “Amigos do S. Carlos” tem a enorme virtude de proporcionar o contacto possível com óperas que, por razões estranhas à sua riqueza dramática e musical, as pessoas em geral desconhecem. O que nos permite aumentar o nosso conhecimento sobre a criação operática descobrindo obras que, mesmo nos limites de uma conferência, nos podem deleitar.

14 de Fevereiro

***Padmâvatî* (1914-1918) de Albert Roussel (1869-1937) por Cristina Fernandes**

Composta sobre um libreto de Louis Laloy baseado numa lenda hindu do século XIII, *Padmâvatî* ocupa um lugar singular na ópera do século XX pela forma como combina o Orientalismo e a recriação da *Opéra-Ballet*, um género que atingiu o seu máximo esplendor com Rameau. Uma viagem à Índia em 1909, onde visitou as ruínas de Tchitor, cidade destruída pelo sultão dos mongóis Alaoudin, inspirou a Albert Roussel a escolha da trágica história da Rainha de Tchitor (*Padmâvatî*) como tema da sua partitura mais ambiciosa. Roussel integra habilmente modos hindus na escrita musical, sem nunca cair no exotismo fácil, e convoca grandes meios corais e instrumentais onde manifesta um colorido singular e mestria de orquestração mas também uma certa sobriedade. Coros, Danças, *Entrées* ou Pantomimas edificam uma estrutura que remonta ao barroco ao mesmo tempo que o compositor recorre a outras técnicas da dramaturgia musical, como por exemplo o uso do *leitmotiv*, fundindo os vários elementos numa trama cerrada – nas palavras de Nadia Boulanger “como se se tratasse de um belo tapete oriental, onde se reconstroem, cruzam e

equilibram múltiplos desenhos, todos independentes e todos necessários.” Estreada com êxito na Ópera de Paris em 1923 (onde teve 25 representações), *Padmâvatî* foi posteriormente objecto de raras encenações devido à sumptuosidade dos meios coreográficos e cénicos que exige.

Cristina Fernandes é licenciada e mestre em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa. A sua tese em Musicologia Histórica foi publicada em 2005 pelas edições Colibri sob o título *Devoção e Teatralidade: as Vésperas de João de Sousa Vasconcelos e a prática litúrgico-musical no Portugal Pombalino*. Tem colaborado com diversas publicações de divulgação musical e musicológica (*Revista Portuguesa de Musicologia*, *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*, *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, *Revista Camões*, *Opera Magazine*, etc.) e na redacção de notas explicativas para concertos e edições discográficas. Desde 1996 é crítica de música do jornal PÚBLICO. Exerceu funções docentes na Academia Superior de Orquestra da Orquestra Metropolitana de Lisboa, na Fundação Musical dos Amigos das Crianças e na Escola das Artes da Universidade Católica (Porto), entre outras instituições. Actualmente é bolsista de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, encontrando-se a preparar a tese *O sistema produtivo da música sacra em Portugal nos finais do Antigo Regime: a Capela Real e a Patriarcal entre 1750 e 1807*, na Universidade de Évora, sob a orientação de Rui Vieira Nery.

Próxima conferência:

21 de Fevereiro · *Von Heute auf Morgen* de Arnold Schönberg, por Carlos Pontes Leça

4ª FEIRAS 2007 · JANEIRO 31 · FEVEREIRO 7, 14, 21 E 28 · MARÇO 14 E 28 SALA 2 · 18H30